

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANTONIA CRISTINA TEIXEIRA LEITE

A FELICIDADE SEGUNDO EPICURO – EM UMA PROPOSTA  
TRANSDISCIPLINAR

CURITIBA  
2018

ANTONIA CRISTINA TEIXEIRA LEITE

A FELICIDADE SEGUNDO EPICURO – EM UMA PROPOSTA  
TRANSDISCIPLINAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Filosofia da UFPR – Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de especialista pelo curso de especialização - Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Orientador: Prof. Me. Antônio Djalma Braga Júnior

JUNHO  
2018

"Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos  
qualquer prazer".  
(EPICURO, 2002,p, 37).

## **RESUMO**

O presente trabalho refere-se à uma proposta transdisciplinar que tem como foco principal de pesquisa a felicidade em Epicuro. Inicialmente são apresentados os parâmetros conceituais sobre a transdisciplinaridade e a importância do protagonismo do aluno na aquisição do conhecimento. Na sequência uma introdução sobre a felicidade e as visões Platônica e Aristotélica sobre a mesma temática; A perspectiva de trazer proposta por Epicuro fecha os conteúdos. Os conteúdos serão apresentados a partir de uma sequência de aulas sobre a tema proposta e atividades transdisciplinares. O pensamento platônico sobre a Felicidade como bem supremo, é a primeira sugestão de conteúdo e na atividade transdisciplinar, o aluno será conduzido a fazer uma reflexão sobre os valores reais e virtuais que norteiam a sociedade contemporânea. A segunda proposta vem a partir do pensamento de outro filósofo clássico Aristóteles e a prática das virtudes, os alunos seriam desafiados a relativizar valores presentes na sociedade atual, desconstruindo-os para, e a seguir propor novos valores que venham a dar conta das reais necessidades do indivíduo de modo a promover uma vida mais feliz para nossa sociedade. Encerrando os conteúdos trabalha-se com visão epicurista sobre a felicidade como sinônimo de prazer e para transpor a disciplina propõe-se como experiência extra-curricular, um passeio para que os alunos tenham contato com campo, experimentando os prazeres naturais e necessários. Com base no pensamento de Epicuro, desconstrua condutas, hoje naturalizadas, pelo capitalismo e oportunize uma reflexão que possa contribuir para um despertar e melhor valorar as coisas simples que proporcionam um prazer mais duradouros.

**PALAVRAS-CHAVES:** Transdisciplinaridade - Felicidade — Real — Virtual — Virtude — Prazer

## **ABSTRACT**

The present coursework refers to a transdisciplinary proposal that has as main focus of research the happiness in Epicurus. Initially, the conceptual parameters on transdisciplinarity and the importance of the student's role in the acquisition of knowledge are presented. Following an introduction on happiness and the Platonic and Aristotelian visions on the same theme; The prospect of bringing a proposal by Epicurus closes the contents. The contents will be presented from a sequence of classes on the proposed theme and transdisciplinary activities. The Platonic thought about Happiness as the supreme good is the first suggestion of content and in the transdisciplinary activity, the student will be led to reflect on the real and virtual values that guide contemporary society. The second proposal comes from the thought of another classical philosopher Aristotle and the practice of virtues, students would be challenged to relativize values present in today's society, deconstructing them to, and then propose new values that come to account for the real needs of the individual in order to promote a happier life for our society. Closing the contents works with the epicurean vision about happiness as a synonym of pleasure and to transpose the discipline is proposed as extra-curricular experience, a walk for students to have contact with the field, experiencing the natural and necessary pleasures. Based on the thought of Epicurus, deconstruct conduct, now naturalized, by capitalism and provide a reflection that can contribute to an awakening and better value the simple things that provide more lasting pleasure.

**KEYWORDS:** Transdisciplinarity - Happiness - Real - Virtual - Virtue - Pleasure

## SUMARIO

✚ 1. Introdução .....	05
✚ 2. A transdisciplinaridade.....	08
✚ 2.1.O aluno como protagonista de se conhecimento .....	10
✚ 3.0. A Felicidade .....	14
✚ 3.1. Platão a felicidade como bem supremo .....	14
✚ 3.2.1. Proposta transdisciplinar .....	18
✚ 3.3. Aristóteles - a prática das virtudes .....	18
✚ 3.3.1. Proposta transdisciplinar.....	20
✚ 3.4.1. Proposta transdisciplinar .....	21
✚ Conclusão .....	21
✚ Referências Bibliográficas .....	22
✚	

## 1.INTRODUÇÃO

Com frequência no meio acadêmico nos cursos de Licenciatura em Filosofia se questiona o que devemos ensinar se Filosofia ou a Filosofar no ensino médio, encontramos defensores com bons argumentos para diversas respostas, porém, para nós professores que nos encontramos em sala de aula percebemos que é preciso encantar, despertar a curiosidade, criar oportunidades para que os alunos aprendam a questionar os acontecimentos de seu cotidiano e ao mesmo tempo buscar fundamentações seguras para elaborar novos posicionamentos à respeito de questões que lhes sejam colocadas, ou seja que aprendam a filosofar e que tenha ao menos um pouco de conhecimento da história da filosofia para que possam ter consciência de que é necessário uma boa fundamentação para a construção de um pensamento coerente.

Nas escolas públicas brasileiras de início já encontramos um grande problema, o ensino de filosofia contempla apenas o ensino médio com duas aulas semanais, enquanto que nas escolas particulares desde o fundamental I, as crianças iniciam seus primeiros contatos com a filosofia, isso já nos mostra uma grande desigualdade na formação dos alunos da escola pública brasileira, em comparação aos alunos da rede privada. É de fundamental importância, que esse breve contato com a filosofia seja de excelente qualidade, por isso, precisamos buscar novos caminhos para despertar nesses jovens o interesse pelo filosofar, mostra-los que a busca pelo sentido da vida, as reflexões sobre os valores e as verdades, necessitam de fundamentos teóricos confiáveis pois o conhecimento é o único caminho para emancipação intelectual.

Nesse trabalho faremos uma breve abordagem a respeito de um tema filosófico “clássico”, a Felicidade em Epicuro, através de uma proposta transdisciplinar, iniciando a exposição esclarecendo conceito de transdisciplinaridade para na sequência elaborar uma proposta transdisciplinar sobre o referido tema. Metodologicamente iniciando pela concepção de prazer para na sequência propor que os próprios alunos busquem a compreensão de “Felicidade” no mundo contemporâneo, com o objetivo de construir uma postura filosófica, aprender a problematizar e relacionar as diversas disciplinas com a realidade atual, construindo novos olhares, deixando de ser passivo para adquirir uma postura crítica da realidade.

Considerando a vitalidade das questões nos diferentes âmbitos do cotidiano da vida humana, é um grande mal entendido pensar a filosofia como natureza abstrata, no sentido de se referir a reflexões teóricas sobre realidades distantes, é preciso uma conexão com o mundo real. Ao pensarmos sobre a necessidade do conhecimento filosófico, deveremos pensar na

própria realização do ser humano em sua condição de ser pensante. Portanto, a necessidade da Filosofia não se coloca no campo da prática comercial, mas no terreno da auto realização humana, sendo assim fundamental na formação do indivíduo.

Na pedagogia tradicional vemos que o aluno precisa ser guiado no processo da aprendizagem, é necessário que lhe digam como e o que aprender, mantendo assim uma relação de autoridade professor/aluno. É preciso romper essa tradição, pois o aluno é dotado das mesmas capacidades do professor de adquirir conhecimentos para construção de seus próprios conceitos, é preciso criar, não apenas repetir, ou reproduzir, não é mais possível nos dias atuais produzirmos imitadores, é necessário algo novo.

O ambiente escolar não dura para sempre na vida humana, é preciso aproveitar esse momento de formação, no espaço educativo, para colaborar com a formação de uma atitude metacognitiva, ou seja, atitude capaz de refletir sobre o próprio processo de aprendizagem, buscando construir relações e articulações, fazendo do erro um grande aliado da aprendizagem. A abertura ao novo e a constante releitura de real são marcas da disciplina de filosofia, que não deve jamais aceitar permanecer no mesmo ponto de chegada, pois a consciência filosófica é instigante, perturbadora. Dessa forma, o saber ao se fazer auto implicativo, possibilita o novo, fomenta o fazer diferente e, fundamentalmente, possibilita um conhecimento diferenciado. A Filosofia se coloca na dinâmica da formação de uma nova postura ética, consciente e coerente, amadurecida pela reflexão. Dando início ao que foi proposto vejamos então o conceito de transdisciplinaridade e como essa metodologia pode contribuir para enriquecer nossas aulas de filosofia no ensino médio.

## **2. A TRANSDISCIPLINARIDADE**

“Transdisciplinaridade, expressão criada por Piaget, durante o primeiro seminário Internacional sobre Pluri e Interdisciplinaridade, que aconteceu em 1970 na Universidade de Nice. Segundo Piaget a interdisciplinaridade seria o caminho para chegarmos a transdisciplinaridade. Em 1994 aconteceu a Primeira Grande Manifestação Mundial da Transdisciplinaridade, no Convento de Arrábida em Portugal, apoiados pela UNESCO, Edgar Morin, Barasab Nicolesco e Lima de Freitas (integraram o comitê de redação). O grande legado desse evento foi a Carta da Transdisciplinaridade, vejamos o conceito definido:

“Artigo 3. A Transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; ela faz emergir novos dados a partir da confrontação das

disciplinas que os articulam entre si; ela nos oferece uma nova visão da Natureza e da Realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa. ”

Em seu artigo sobre a transdisciplinaridade, Nicolesco nos esclarece, explicando que como o prefixo “trans”, indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina e que seu objetivo é a compreensão do mundo presente, onde um dos imperativos é a unidade do conhecimento, diante do grande fluxo de informação a que estamos exposto é necessário direcionar melhor nossos alunos nesse mundo tão atrativo, midiático, onde a internet e esses recursos tecnológicos possibilitam o acesso rápido a um volume espantoso de informações, as crianças e adolescentes estão sempre conectados não apenas ao que acontece ao seu redor mas conectados com o mundo, *“Ao longo do século XX, a complexidade instala-se por toda parte, assustadora, terrificante, obscena, fascinante, invasora, como um desafio à nossa própria existência e ao sentido de nossa própria existência”*. (2000, p.19). Não podemos fugir dessa realidade, precisamos aprender a usar tudo isso a nosso favor, afinal é um desafio enorme inovar em uma área que tem como tradição aulas expositivas, quadro negro e giz, nas escolas particulares esse formato pode estar ultrapassado, mas em nossas escolas da rede pública é o que dispomos.

A educação é um processo que se desenvolve ao longo de toda uma vida, trabalhar visando à transdisciplinaridade é uma oportunidade ímpar de melhorar as formas de ensinar e de aprender, tornando-as muito mais prazerosas e eficientes, mas é preciso uma longa jornada de pesquisa, experiências, isso demanda tempo e muita força de vontade. Embora essa abordagem venha sendo discutida já a muitos anos, ainda não existe uma fórmula ideal para trabalhar a transdisciplinaridade, o que já sabemos é que o quanto antes começarmos nosso trabalho, mais cedo conseguiremos mudar o cenário em que se encontra nossa educação. Quando tomamos consciência desse fato, a percepção e a sensibilidade nos conduzem à necessidade de transcender a especificidade disciplinar e enveredar por diferentes campos de conhecimento sem a identificação com apenas um deles. A flexibilização das propostas educacionais possibilita que o aluno construa os caminhos de sua aprendizagem com autonomia. Desse modo, o processo educativo contribui para formar a personalidade e o caráter do aluno, que se expressarão por meio dos seus valores e suas escolhas, da sua postura

diante da vida e do mundo possibilitando o tão falado *protanismo*. É necessário superarmos o paradigma da simplificação, e retomarmos a realidade e a natureza como um todo.

No livro de Edgar Morin *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, o autor nos coloca esse aspecto: *Na era das telecomunicações, da informação, da Internet, estamos submersos na complexidade do mundo, as incontáveis informações sobre o mundo sufocam nossas possibilidades de inteligibilidade.* (MORIN, 2000, p. 640). É preciso repensar o ensino, as didáticas aplicadas atualmente que não despertam nos alunos a vontade de aprender e entender essa complexidade que nos envolve. A transdisciplinaridade seria o caminho certo pelo o qual devemos conduzir esses alunos? Nós, professores, estamos preparados para esse desafio? Paulo Freire com seu olhar sempre atento aos problemas educacionais há muito nos apontava caminhos...

Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida nesse descaso? (Freire, 1996, p.30).

Estabelecer essa “intimidade” entre os conteúdos didáticos e a realidade sócio-cultural e emocional do educando, parece até uma tarefa fácil, mas para a realidade dos professores da rede pública brasileira, especificamente da rede estadual de ensino, que na maioria das vezes para completar sua carga-horária precisa atuar em cinco ou mais escolas. Disciplinas que tem uma carga-horária de duas horas semanais por exemplo o professor precisa ter 15 turmas para conseguir fechar 40 h/a semanais, se colocarmos a média de 40 alunos por turma, sendo bem otimistas, teremos sob a responsabilidade deste professor 600 alunos, cada um com sua bagagem de vida, seus problemas sociais, familiares, afetivos... como dar conta de tudo isso? Os professores são constantemente cobrados, “temos que dar aos nossos alunos uma educação de qualidade” e a formação dos professores para essa educação de qualidade onde está? Mas como desistir de um sonho tão precioso? Impossível pra quem nasceu pra ser professor!

Edgar Morin há muito, faz duras críticas a fragmentação do conhecimento, com a autoridade de quem a muitos anos se dedica a problemática da educação, ele afirma que simplificamos muito o que é complexo e que tal visão mutila o conhecimento, que é necessário encontrar o caminho para relacionar, *“é preciso contextualizar um acontecimento particular no conjunto global a que ele pertence”* (Morin), essa divisão por área do conhecimento pode sim ser considerada um primeiro passo, mas para isso vamos analisar o que propõe Morin a respeito dessa desfragmentação do saber e como poderíamos aplicá-la em nosso dia a dia em sala de aula.

É preciso construir novas posturas diante dos problemas educacionais e aprender a contextualizar, problematizar, relacionar as diversas disciplinas para transcendê-las entrando em conexão com a realidade atual através de novas metodologias, para que o aluno seja estimulado a construir novos olhares diante do próprio ser humano, voltando a se conectar com a natureza que o cerca, com a sociedade ao seu redor, com os problemas sociais e políticos.

Considerando a vitalidade dessas questões nos diferentes âmbitos do cotidiano da vida humana, é um grande mal entendido que as diversas áreas do saber formal sejam vistas como natureza abstrata, no sentido de se referir a reflexões teóricas sobre realidades distantes, que não terão nenhuma utilidade no futuro, é preciso um envolvimento maior por parte de todos para desde cedo conscientizar o educando do seu papel na sociedade, não apenas como um mero expectador, mas é fundamental que ele se perceba como cidadão ativo, ou seja que não é apenas uma pequena parcela desse meio ao qual ele está inserido, mas que ele é o próprio meio.

É necessário interligar as diferentes disciplinas e contextualizá-las, através do diálogo construir pontes para desfragmentar.

[...]transdisciplinaridade se interessa pela dinâmica gerada pela ação de vários níveis de Realidade ao mesmo tempo. A descoberta desta dinâmica passa necessariamente pelo conhecimento disciplinar. Embora a transdisciplinaridade não seja uma nova disciplina, nem uma nova hiperdisciplina, alimenta-se da pesquisa disciplinar que, por sua vez, é iluminada de maneira nova e fecunda pelo conhecimento transdisciplinar. Neste sentido, as pesquisas disciplinares e transdisciplinares não são antagonistas mas complementares. (NICOLESCO, 2000, p.12)

Com essa junção, à medida que diferentes pessoas, com diferentes projetos, diferentes saberes relacionam-se e passam a conviver em um espaço, necessariamente haverá o conflito. Esse conflito se manifestará nas diferentes interpretações, nos diferentes desejos e interesses. Dessa forma, o conflito revela a existência de pessoas autênticas e livres. E uma nova postura reflexiva e por que não dizer, filosófica, se faz fundamental na medida em que ela nos ensina e dá as razões de nosso olhar e a reconhecer as razões do olhar do outro. A partir dessa habilidade, característica do verdadeiro diálogo, alimentaremos a sociabilidade e a democracia nas relações humanas, aprenderemos a cultivar os valores da vida em sociedade e a praticar a cidadania, que passa pela aceitação, defesa e promoção das diferenças, formando uma teia unindo os conhecimentos para o nascimento de uma nova forma de vida... compartilhando, unindo, desfragmentando o mundo ao qual pertencemos.

## **2.1. O ALUNO COMO PROTAGONISTA DE SEU CONHECIMENTO**

Na pedagogia tradicional vemos que o aluno precisa ser guiado no processo da aprendizagem, sendo necessário que lhe digam como e o que aprender, mantendo assim uma relação de autoridade professor/aluno. É preciso romper essa tradição, pois o aluno é dotado das mesmas capacidades do professor de adquirir conhecimentos para construção de seus próprios conceitos. Em sua belíssima obra *O Mestre Ignorante*, Jacques Rancière, nos coloca com clareza esses aspectos:

Há um embrutecimento quando uma inteligência é subordinada a outra inteligência. O homem – e a criança, em particular – pode ter necessidade de um mestre, quando sua vontade não é suficientemente forte para colocá-la e mantê-la em seu caminho. Mas a sujeição é puramente vontade da vontade. Ela se torna embrutecedora quando liga uma inteligência a uma outra inteligência. No ato de ensinar e aprender, há duas vontades e duas inteligências. Chamar-se-á embrutecimento à sua coincidência. [...] Chamar-se-á emancipação à diferença conhecida e mantida entre as duas relações, o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a outra vontade. (Rancière, 2002, p.25-26)

Em um mundo globalizado, não existe mais espaço para o mestre centralizador, aquele que entope o aluno de conhecimentos desnecessários, construído sob sua própria ótica, tirando do aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento. É preciso criar, não apenas repetir, ou reproduzir: não é mais possível nos dias atuais produzirmos imitadores. É necessário algo novo.

O espaço educativo precisa ser usado para colaborar com a formação de uma atitude metacognitiva, ou seja, atitude capaz de refletir sobre o próprio processo de aprendizagem, aprendendo a aprender, buscando construir relações e articulações. A abertura ao novo e a constante releitura do real são marcas que devem estar presentes na formação de nossos alunos, “*Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda*” (FREIRE, 1996, p.67)

Segundo Adorno, a crise da educação é, na verdade, a crise da formação cultural da sociedade capitalista como um todo onde há um processo real capaz de alienar o homem de suas condições de vida,

Como pode um mundo tão desenvolvido cientificamente apresentar tanta miséria? Este é o problema central: o confronto com as formas sociais que se sobrepõem às soluções racionais. Assim como o desenvolvimento científico não conduz necessariamente à emancipação, por se encontrar vinculado à uma determinada formação social, também acontece com o desenvolvimento no plano educacional. ( Adorno, 2006, p.15)

Vemos que apesar da nova reforma, a educação vai continuar priorizando a formação de mão de obra técnica, temos que ter cuidado nós professores em especial os da área de Ciências Humanas e sociais aplicadas, para não desumanizar mais ainda nossa sociedade tão envolvida com o desenvolvimento técnico, científico e tecnológico e evitar que os conhecimentos continuem sendo trabalhados de forma fragmentada, o que Morin nos alerta:

Efetuaram-se progressos gigantescos nos conhecimentos no âmbito das especializações disciplinares, durante o século XX. Porém, estes progressos estão dispersos, desunidos, devido justamente à especialização que muitas vezes fragmenta o contexto, as globalidades e as complexidades. Por isso, enormes obstáculos somam-se para impedir

o exercício do conhecimento pertinente no próprio seio de nossos sistemas de ensino. (MORIN, 2000, p.40)

Devemos insistir na busca de novos caminhos para tornar a relação ensino-aprendizagem, mais prazerosa e eficiente, buscando uma abordagem que propicie uma profunda transformação nas relações do homem com o próprio homem e do homem com a natureza através de implementações de formas holísticas de aprendizado, buscando prepará-lo para ter uma percepção de sua subjetividade, assim como a apreensão e articulação do mundo subjetivo e objetivo a partir de sua experiência. É preciso cada vez mais olhar e viver o mundo em sua plenitude e sentir-se parte integrante de um todo enredado com os seus múltiplos componentes conforme nos sugere a Carta da Transdisciplinaridade:

“Artigo 11. Uma educação autêntica não pode privilegiar abstração no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão do conhecimento.”

É preciso despertar nos alunos o prazer de aprender, ampliando o ato cognitivo para promover a sabedoria que esclarece o indivíduo, tornando-o ciente de sua autonomia partir de uma boa formação intelectual, preparados para emancipação, como coloca Kant:

Menoridade é a capacidade de servir-se do próprio entendimento sem direção alheia. O homem é o próprio culpado por esta incapacidade, quando sua causa reside na falta, não de entendimento, mas de resolução e coragem de fazer uso dele sem a direção de outra pessoa. *Sapere aude!* Ousa fazer uso do teu próprio entendimento! (KANT, Antologia de Textos Filosóficos, p. 407)

Encontramos no artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – promulgada em 1996), parágrafo III, amparo para uma educação que conduza a autonomia pois ele garante:

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

Sendo assim a postura do professor em sala não pode ser mais centralizadora, agindo apenas para gerar um embrutecimento explicador, é preciso gerar no aluno a confiança de sua própria capacidade intelectual, despertando a vontade de saber, formando um círculo de potência:

Mestre é aquele que encerra sua inteligência em círculo arbitrário do qual não poderá sair se não se tornar útil a si mesma. Para emancipar um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos, nós mesmo, emancipados; isso é, consciente do verdadeiro poder do espírito humano. O ignorante aprenderá sozinho o que o mestre ignora, se o mestre acredita que ele o pode, e o obriga a atualizar sua capacidade: círculo da potência homólogo a esse círculo da impotência que ligava o aluno ao explicador do velho método. [...] O círculo da potência está sempre dado, ele é a própria marcha do mundo social, que dissimula na evidente diferença entre a ignorância e a ciência. (Rancière, 2002, p.27-28)

Edgar Morin, nos questiona se nosso sistema de educação é capaz de educar e coloca a fragmentação do saber como principal vilão dessa incapacidade, pois a separação do conhecimento em disciplinas nos ensina a analisar separadamente, mas não nos ensina a relacioná-las, muito menos contextualizá-las. Vivemos dominados pelo *paradigma da simplificação*, ou seja, para entendermos um determinado conhecimento reduzimos a simples o que é complexo e não estamos preparados para fazer o caminho de volta. Morin nos propõe que é preciso contextualizar um acontecimento particular no conjunto global a que ele pertence. “*É preciso efetivamente recompor o todo para conhecer as partes*”. (MORIN.2000, p.37) pois o ensino de uma disciplina isolada atrofia o conhecimento, como já foi colocado anteriormente, é preciso estimular a aptidão natural da mente a contextualizar os acontecimentos. É necessário a percepção de que uma pequena parte singular contém a totalidade do que está representado, “*necessitamos que se cristalize e se enraíze um paradigma que permita o conhecimento complexo*”. (Morin.2000, p. 32) o autor reafirma a necessidade de uma educação propositiva, que implica entender o ser humano não como objeto passivo ao receber formação e informação, mas como sujeito que age, modifica sua história e é por ela modificado. A escola cabe também desenvolver o auto conhecimento, ou seja, voltar o olhar para nosso interior, além de ensinar a compreender uns aos outros,

pensando o ser humano e a sociedade de maneira coletiva, também trabalhar o indivíduo como ser global e que faz parte da natureza como um todo.

### **3. A FELICIDADE**

O que torna o ser humano feliz? Por que desejamos tanto a felicidade? Como alcançar nosso alvo? Quais são as fontes da felicidade? São perguntas que perturbam o homem desde os tempos antigos. Analisando essas questões de forma filosófica vemos alguns conteúdos fundamentais para introduzir os alunos do primeiro ano do ensino médio nessa reflexão filosófica. Os sábios da Grécia antiga, que são considerados nossos primeiros filósofos, nos explicam que a felicidade não vem do nada, que existem fontes da felicidade, seriam elas:

- Bens materiais e riquezas
- Condição social, poder e glória
- Prazeres da mesa e da cama
- Saúde
- Amor e amizade

Isso nos leva a pensar que quem possuir todos esses itens, seriam pessoas felizes, será? Ou que a falta de um deles comprometeria a felicidade do indivíduo, você concorda com essa perspectiva? Vejamos o que pensavam alguns filósofos do período clássico sobre a Felicidade, iniciando por Platão, aspectos bibliográficos e seu pensamento sobre o referido tema:

#### **3.1. PLATÃO - A FELICIDADE COMO BEM SUPREMO**

Nascido em Atenas, entre 427/8 a.C. sua morte data de 347 a.C. Viveu entre a fase áurea da democracia ateniense e o final do período helênico, contexto histórico que provavelmente influenciou seu pensamento em relação a suas ideias políticas tão presente em sua filosofia onde enfatizava o filósofo como o dirigente político ideal, foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, fundou a Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental.

Tendo sua vida limitada à Academia, Platão pôde dedicar-se à elaboração de seu sistema filosófico, cujo fundo e originalidade são constituídos pela sua teoria das ideias. Platão defende no homem uma alma imortal, racional, livre e espiritual. Em ética: toda felicidade consiste na contemplação das ideias e, sobretudo, da ideia suprema do bem.

Platão afirmava que o mundo sensível é enganoso, nele, tudo é estável, e que por meio dele não podemos encontrar felicidade, por isso o caminho para a felicidade seria o abandono das ilusões do sensível e busca-la no mundo das ideias, até alcançarmos o conhecimento supremo da realidade, o que corresponde a ideia do bem.

Na obra A República, o filósofo nos apresenta sua concepção de felicidade ligada a sua doutrina sobre a alma humana, afirmando que o ser humano seria essencialmente alma, que essa é imortal e que sua existência precede a existência corpórea. A união da alma com o corpo seria acidental pois o lugar próprio da alma não seria o corpo sensível e que essa alma se dividiria em três partes: a concupiscente, ligada aos desejos carnisais, a irascível, vinculada às paixões e racional, relacionada ao conhecimento.

A vida feliz dependeria da harmonização dessas três almas, a racional que está situada na cabeça, regularia a irascível, e esta controlaria a concupiscente, ou seja os desejos carnisais e as paixões de forma racional.

- E estas duas partes, assim criadas, instruídas e educadas de verdade no que lhes respeita, dominarão o elemento concupiscível (que em cada pessoa, constitui a maior parte da alma e é, por natureza, a mais insaciável de riquezas) e não de vigiá-lo, com receio de que ele, enchendo-se dos chamados prazeres físicos, se torne, grande e forte, e não execute a sua tarefa, mas tente escravizar e dominar uma parte que não compete à sua classe e subverta toda a vida do conjunto. (A República, p.120)

Platão ainda nos propõe duas práticas importantes para ajudar nessa empreitada: exercícios físicos e a dialética. O conjunto de exercícios físicos levaria as pessoas à prática da disciplina e o domínio sobre as inclinações negativas do corpo. A dialética, método socrático de trazer à tona as ideias verdadeiras através do diálogo, no caso de Platão, implica em ascender do mundo sensível para o mundo inteligível, elevando-se através da contemplação

das ideias perfeitas, imutáveis e eternas, iluminadas pela ideia suprema do bem, o que seria então a Felicidade.

De forma simplificada podemos afirmar que para o filósofo, a felicidade pode ser alcançada através da busca do conhecimento verdadeiro (que encontramos no mundo inteligível) e nos leva à evolução do ser, culminando com a ideia do bem, tornando-se um ser melhor em sua essência e conseqüentemente, mais feliz.

### **3.1.1. PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR:**

Os alunos deverão fazer uma analogia entre a felicidade platônica, ou seja, só podemos encontrar a verdadeira felicidade no mundo inteligível, para isso precisamos controlar nossos desejos e nossas paixões, harmonizando nossa alma, comparando essa visão com sua vida pessoal e sua vida virtual, onde você sente mais feliz no mundo sensível ou no mundo inteligível? O que você posta nas redes sociais pode ser considerado sua essência verdadeira ou apenas representa uma fixação do que você projeta do que deveria ser sua vida real?

Após a análise individual, propor a turma um debate onde seja discutido os aspectos da vida real e virtual.

### **3.2. ARISTÓTELES – PRÁTICA DAS VIRTUDES**

Nasceu em 384 a.C., na cidade antiga de Estágira, e morreu em 322 a.c. cidade da Calcídica. Embora estivesse situada distante de Atenas e em território pertencente à Macedônia, era na verdade uma cidade grega, onde se falava o grego. Aristóteles, desde o nascimento, estava estreitamente vinculado à corte macedônica: seu pai, Nicômaco, era médico do Rei Amintas II, pai de Filipe. Cerca de 366 a.C., Seus pensamentos filosóficos e ideias sobre a humanidade tem influências significativas na educação e no pensamento ocidental contemporâneo. Aristóteles é considerado o criador do pensamento lógico. Suas obras influenciaram também na teologia medieval da cristandade.

A partir de declarações do próprio Aristóteles, sabe-se que ele realizou dois tipos de composição: as endereçadas ao público, redigidas em forma mais dialética do eu demonstrativa, e os escritos ditos filosóficos ou científicos, que eram lições destinadas aos alunos do Liceu. Estas foram as únicas obras que chegaram até nós, embora constituam

pequena parcela do que lhe é atribuído. Tratando de vários assuntos no campo da filosofia e da ciência, as principais obras de Aristóteles são: Categorias; Sobre a Interpretação; Analíticos; Tópicos; Metafísica; Física; Sobre a Geração e a Corrupção; Sobre a Alma; História dos Animais; Ética à Nicômaco, ; Política; Retórica; e Poética.

A personalidade e o caráter de Aristóteles correspondiam com seus escritos. Com uma personalidade distinta, de tipo acentuadamente aristocrático, agudo no julgamento e, às vezes irônico, escolhendo escrupulosamente suas relações e companhias; homem predominantemente intelectual, mas também bondoso, grato e sempre inteiramente aberto àquelas expressões internas do espírito que se desenvolvem na vida de família e na amizade com os que pensam e sentem de um modo semelhante, Depois da morte de sua esposa Pítias, filha adotiva de Herméias, casou-se com Herpylis de Estagira. De seu primeiro casamento teve uma filha; do segundo, um filho, chamado Nicômaco, que morreu muito jovem, aquém dedicou a obra a que vamos nos ater, Ética à Nicômaco.

Aristóteles define o homem como ser racional e identifica a atividade racional, o ato de pensar, que é a sua “virtude” que é considerada como a essência humana e que só através da prática da virtude o homem pode alcançar seu fim último, a felicidade.

A excelência moral (virtude moral), então, é uma disposição da alma relacionada com a escolha de ações e emoções, disposição esta consistente num meio-termo determinado pela razão. Trata-se de um estado intermediário, por que nas várias formas de deficiência moral a falta ou excesso do que é conveniente tanto nas emoções quanto nas ações, enquanto a excelência moral encontra e prefere o meio-termo. (Ética a Nicômaco, p.42)

Mas a felicidade para o filósofo, não viria apenas da prática dessa virtude, seria necessário promover o bem estar material e a paz social, para tal, não se pode abandonar a família, amigos, a riqueza e o poder. A prática da vida teórica é condição necessária, mas não é condição suficiente, ela deve ser aliada a outras virtudes humanas como a generosidade, a coragem, e a justiça, promovendo conjuntamente o bem estar material e social. Deve haver portanto um equilíbrio entre a falta e o excesso onde a razão orientará a prática da virtude. Assim para ser feliz, o ser humano deve viver de acordo com sua essência, ou seja, sua racionalidade, através da contemplação ele pode alcançar a compreensão sobre a própria

essência de forma consciente e assim guiar sua conduta de forma equilibrada e encontrar a felicidade.

[...] o que é próprio de cada coisa é, por natureza, o que há de melhor e de aprazível para ela; e, assim, para o homem a vida conforme a razão é a melhor e a mais aprazível, já que a razão, mais que qualquer outra coisa, é o homem. Donde se conclui que essa vida é também a mais feliz. (Ética a Nicômaco, p.190)

### **3.2.1. PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR:**

Divida a turma em grupos de no máximo cinco alunos, cada equipe será responsável por um tema social que deve ser pesquisado a forma como nossos dirigentes estão praticando as *virtudes humanas*, propostas por Aristóteles (generosidade, coragem e justiça) para promover o bem estar matéria e social para a população brasileira. Construindo críticas e propostas que possam melhorar o desequilíbrio social de modo a promover uma vida mais favorável para nossa população.

### **3.3. A FELICIDADE SEGUNDO EPICURO**

Nascido em 341 a.C., na ilha de Samos, mas sempre ostentou a cidadania ateniense herdada de seu pai, permaneceu em Samos durante sua infância e juventude e foi onde iniciou seus estudos em filosofia, com Pânfilo, filósofo platônico, o qual seguiu suas lições dos 14 aos 18 anos. Também morou em Atenas, Cólofon e Lâmpsaco, faleceu em Atenas, em 270 a. C., aos setenta e dois anos de idade.

Ao chegar em Atenas por volta de 323 a.C., teve a honra de encontrar grandes filósofos ainda em atividade, como Teofrasto, o sucessor de Aristóteles no Liceu (que se encontrava banido na cidade e refugiado em Cálcis), Xenócrates, diretor da Academia. Após a morte de Alexandre Magno, a família de Epicuro é expulsa de Samos junto com todos os colonos atenienses, é quando ele decide sair de Atenas para voltar ao convívio familiar em Cólofon, na costa da Ásia, foi Lâmpsaco, que ele conseguiu conquistar seus adeptos mais ilustres, Hermaco, Colotes, Metrodoro, Pítocles, Heródoto e Meneceu, que o seguiram até sua morte. Após passar por diversas cidades finalmente em 306 a.C. o filósofo regressa a Atenas, onde adquire uma ampla casa com um grande jardim e instala a sua célebre escola, que ficou conhecida como “O Jardim de Epicuro”. Na casa habitavam os mestres, além dos discípulos Hermaco (que sucedeu Epicuro na direção da escola, após sua morte) e Metrodoro.

No jardim (*Képos*, em grego) levava-se uma vida simples, ao contrário do que pregavam aqueles que eram contrários à doutrina epicurista:

[...] no célebre “Jardim de Epicuro”, vicejava uma autêntica comunidade, onde mestre e discípulos viviam de maneira quase ascética, consumindo apenas hortaliças que eles próprios cultivavam, às quais acrescentavam apenas pão e água, ou ainda queijo em ocasiões especiais. (EPICURO, 2002, p.10)

A felicidade seria para o filósofo o bem último da vida humana, aquilo pelo qual a vida vale ser vivida. Por sua vez, a felicidade (eudamonia), “ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma” (EPICURO, 2002, p. 43), é o prazer duradouro da serenidade do espírito. Para alcançá-la, é necessária a reflexão filosófica que busca estabelecer um conhecimento sobre a própria natureza humana, seus desejos e prazeres:

Que ninguém hesite em se dedicar a Filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à Filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. (EPICURO, 2002, P.18)

A felicidade seria o prazer encontrado na satisfação dos desejos, que é fundamente prazer que no ser humano é proporcionado através da sensação. Geralmente o homem tende a fugir da dor e buscar o prazer, mas até nisso deve haver moderação, como afirma Epicuro em sua carta a Meneceu: *O prazer, como bem inato, não é algo que deva ser buscado a todo custo e indiscriminadamente, já que as vezes pode resultar em dor. Do mesmo modo, uma dor nem sempre deve ser evitada, já que pode resultar em prazer (p.16)*. Deve-se fazer uma distinção entre os desejos, pois é preciso eliminar todos os desejos desnecessário, buscar condições que permitam o usufruto dos naturais e necessários. Os desejos naturais são aqueles próprios à natureza humana, isto é, a *phýsis* é o desejo de comer, beber, abrigar-se; Os desejos desnecessários estão ligados as paixões, os desejos canais, a luxúria e que podem nos causar dor e sofrimento.

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem estar corporal, outros, ainda para a própria vida. O conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda a escolha e toda a recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo. (p.35)

Segundo o filósofo ao atingirmos esse estado poderemos fazer escolhas prudentes e racionais dos prazeres, evitando aqueles que nos afastam do bem da alma e do corpo, e que nos causam inquietude, insatisfação e sofrimento.

É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda a recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor. (Epicuro, 2002, p.37)

O filósofo na alerta ainda a avaliar todos prazeres e sofrimentos de acordo com os benefícios e os danos que possam trazer, comprometendo a quietude, serenidade e a imperturbabilidade da alma. A felicidade deve ser busca constante, durante todo o decorrer da vida, conforme indica: “(...) o fim último é o prazer, (...) que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. (EPICURO, 2002, p. 43). Só sentimos necessidade do prazer, na ausência dele, porque, de outra maneira, não haveria necessidade. É neste sentido que o prazer é princípio e fim última e só através dele é possível encontrar a felicidade. É importante ressaltar que é necessário ainda viver com prudência, com beleza e com justiça; donde podemos dizer que estes quatro elementos estão interligados e são fundamentais para uma vida feliz.

### **3.3.1. PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR**

Para fechamento do presente trabalho recomendamos um passeio a um hotel fazenda, onde todos possam ficar um dia inteiro afastado de equipamentos eletrônicos, ou seja, sem tv, celular, ou qualquer tipo de comunicação que possa interferir com uma experiência voltada as necessidades naturais e necessárias. Alimentação oferecida deve ser de alimentos colhidos e

preparados pelos próprios alunos, sugerimos que os mesmos também experimentem a sensação de pisar na terra sem calçados, tomar banho de rios, ouvir o som da natureza e participar de brincadeiras em grupo.

Ao final do passeio os alunos deverão anotar as sensações e os prazeres vividos para em sala dar continuidade ao trabalho.

Faça um mural em uma das paredes da sala com diversas citações de Epicuro da Carta sobre Felicidade a Meneceu, peça aos alunos que peguem no mural a citação que melhor expresse a sensação vivida no passeio e elabore uma dissertação a partir de sua experiência com os prazeres naturais e necessários e os inúteis, fundamentando com a citação escolhida.

#### **4. CONCLUSÃO**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. São Paulo, Paz e Terra, 2006.

BRASIL.Ministério da Educação. Diário Oficial da União N° 184A.Medida Provisória 746/2016 de 23 de setembro de 2016. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=48601-mp-746-ensino-medio-link-pdf&category\\_slug=setembro-2016-pdf&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48601-mp-746-ensino-medio-link-pdf&category_slug=setembro-2016-pdf&Itemid=)>Acesso: 02 de nov.2016.

*CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE*. Adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade. Convento de Arrábida, Portugal, 2 a 6 de novembro de 1994.

EPICURO. Antologia de Textos de Epicuro. São Paulo: Nova Cultura, 1998. (Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. Carta Sobre a Felicidade (a Meneceu) Tradução e apresentação Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

\_\_\_\_\_, Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

KANT, Immanuel Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento? In: Textos Seletos. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. Os sete saberes necessários à educação do futuro, Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Keanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho – 2ª ed. – São Paulo; Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NICOLESCU, Basarab. *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2000.

PLATÃO. República. Lisboa: Gulbenkian, 1993

RANCIÈRE. Jacques. *O Mestre Ignorante — Cinco Lições Sobre a Emancipação Intelectual*. Tradução Lilian do Valle, 2002, Belo Horizonte, Editora Autêntica.

ULLMANN. Reinhold Aloysio. Epicuro O O Filósofo da Alegria. 4ª Edição – Porto Alegre; PUCRGS, 2010.